

## O MECANICISMO EXPLICATIVO E A ELIPSE DA VONTADE: O CONCEITO DE BIPOLARIDADE

*Luiz Fernando Castelo Branco Rebello Horta*

### RESUMO

A Guerra Fria é como marca do século XX, da mesma forma que as Relações Internacionais como disciplina de estudo ganharam notoriedade mundial durante o mesmo período. Em ambos os casos, a teoria realista, cujo princípio explicativo é mecanicista, foi preponderante para dar inteligibilidade ao momento da política mundial que se afigurava, *a priori*, como um confronto entre EUA e URSS. O conceito utilizado para compreensão do período foi a bipolaridade. Ocorre que o termo bipolaridade não comporta, em sua matriz explicativa, a ideia de ideologia. A bipolaridade, especialmente a estrutural de Waltz, atribui aos atores um papel muito menor do que aquele que confere aos condicionantes estruturais. Nesse sentido, apesar de Guerra Fria e bipolaridade serem (e foram pensadas para isso) muitas vezes usadas como intercambiáveis, devido as suas premissas, a conceituação desses dois termos torna-os impossíveis de serem conjugados em uníssono. O ponto de divergência extrema entre eles é o conceito de ideologia. Tal conceito, que é aceito por historiadores como sendo a força-motriz do conflito da Guerra Fria não encontra guarida adequada na explicação estruturalista realista das Relações Internacionais. Embora o realismo tenha-se tornado hegemônico como programa de pesquisa na disciplina, ele nunca ofereceu uma explicação a contento para esse problema teórico. Guerra Fria e bipolaridade não são apenas conceitos diferentes, mas chegam a ser antagônicos se olhados sob o prisma da incongruência entre o mecanicismo explicativo em oposição ao conceito de ideologia.

Palavras Chave: Realismo, Epistemologia, Teoria, Ideologia, Guerra Fria

### ABSTRACT

The Cold War is the great label of the 20th century. At the same time, the study of International Relations became internationally vigorous and received a great deal of resources and academic support. In both cases, the Realist theory, that has a mechanistic explanation about international politics, was the most important theoretical effort to interpret a world which was in the middle of the conflict between USA and USSR. The central concept used was, undoubtedly, bipolarity. Although bipolarity became the key concept to understand the Cold War, its premises cannot afford the real deal of the Cold War: ideology. In fact, Waltz's concept cannot be used because it cannot give enough space to the ideology, which is recognized as a touch-stone of the Cold War. Structuralist realism cannot admit the ideology (like an actor-based force) is important to bipolarity. Based on this important issue, Cold War cannot be used, as it commonly is, as a twin concept for bipolarity. For historians, ideology is the main force which organizes the world of Cold War into an almost insoluble conflict, but at the same time, realism does not accept it. Realism became the largest and most important research program in International Relations around the world, although it had never been able to solve this important theoretical flaw among ideology, structural explanation and Cold War.

Keywords: Realism, Theory, Epistemology, Ideology, Cold War

### 1. INTRODUÇÃO

É comum a literatura oferecer como explicação do pós-Segunda Guerra Mundial o conceito de Guerra Fria. Esse conflito não deflagrado por meios tradicionais que teria envolvido duas "superpotências" em uma rivalidade cujo campo de atuação, embora discutido, continua tendo fronteiras imprecisas. As descrições das características desse período reforçam o caráter da rivalidade existente entre EUA e URSS e, embora sob diferentes pontos de vista, apontam para a formação de um "mundo" diferenciado que correspondeu à Guerra Fria. Por meio dessa argumentação, o entendimento da Guerra Fria não pode ser fixado propriamente uma vez que o

universo de percepção de onde emanam os condicionantes conceituais de tal conflito tornou-se muito maior do que é possível definir.

O entendimento a respeito do período da rivalidade entre EUA e URSS, no entanto, não parecia estar suficientemente alicerçado para suportar tamanho peso explicativo e, ainda, por um período tão longo (1945-1989). Ciente dessa inconsistência, em 1948, Hans Morgenthau ofereceu uma primeira explicação de tal relação em seu livro “A política entre as nações”. Morgenthau denominou o que seria diferencial entre o período que se iniciava e os anteriores (notadamente as duas grandes guerras) com o termo “bipolaridade”.

O termo é emprestado da Física – mais precisamente dos estudos eletromagnéticos. A revolução que a Teoria da Relatividade (proposta por Einstein em 1905, mas apenas submetida à prova empírica no pós-segunda Guerra) vinha provocando em toda a ciência também tomou de assalto as percepções no campo da política internacional. Enquanto a Física parecia apresentar-se ao mundo como uma forma definitiva de ciência, cuja capacidade explicativa surgia como um modelo de abrangência, concisão e simplicidade (a Teoria da Relatividade); muito do seu jargão, seus conceitos e teorias passaram a inspirar ideias e explicações em outros campos do saber. Aqui interessa destacar a apropriação feita por Morgenthau da noção de bipolaridade.

Em 1979, Kenneth Waltz, em seu livro “*Theory of International Politics*”, dá maior consistência ao caminho iniciado por Morgenthau e elege, também, como centro explicativo da relação de política internacional pós-Segunda Guerra Mundial, o conceito de bipolaridade, o que faz com maior precisão e, por conseguinte, maior capacidade explicativa se comparado a Morgenthau. Contudo, a base mecanicista do conceito de Morgenthau mantém-se no conceito de Waltz e, ainda que os conceitos sejam diferentes, os dois partilham de problemas ontológicos semelhantes.

Nesse artigo apresentar-se-ão os conceitos de bipolaridade de Morgenthau e Waltz enfocando também suas imprecisões e argumentar-se-á que, utilizando uma lógica mecanicista estrutural,

tais conceitos conseguiram elipsar o que de mais essencial existe no estudo da política que é o *animus operandi* (o que é chamado, por analogia, no título de “vontade”). Por eludir à noção de que as ações humanas são causa da formação político-social engendrada em seu tempo, o Realismo (CARR, 1962, p. 10) afastou o conceito de ideologia de suas formulações (o que até seria salutar na visão científica norte-americana da época da Guerra Fria (GUILHOT, 2011, p. 6-12) e pôde, assim, oferecer uma explicação dita como “científica” para o fenômeno nomeado Guerra Fria. O que o Realismo não pôde prever foram exatamente os efeitos da ação humana que, de tão deletérios para a explicação “estrutural”, acabaram por destruí-la com o fim abrupto da bipolaridade. Como a explicação científica obedece a condicionantes sócio-políticos, o realismo parece lutar contra a empiria e, no pós Guerra Fria, trabalha arduamente para constituir novamente seus dois polos teóricos, reorganizando a dicotomia da Guerra Fria e reconstruindo o seu mundo inteligível. O que ficará claro ao final do texto é que essa criação teórica gera o conceito de bipolaridade, e não o contrário.

*“Spatial demarcation and immobility marks the polar 'axis.' The cold war both produces a space and is produced by it. Perhaps, then, the original magnetic metaphor is better than Clausewitz's appropriation would have it: in the very middle a neutralized nullity between poles locked in the equilibrium of attracting opposites.”* (STEPHANSON, 2007, p. 20)

Da mesma forma que a constituição do mundo em dois polos, no período da Guerra Fria, foi um esforço político (e não científico), atualmente, o esforço de reconstrução normativo está novamente em curso, trocando-se apenas os atores internacionais.

## 2.. O MECANICISMO BIPOLAR

A ideia de bipolaridade foi primeiramente apresentada em 1948 por Hans Morgenthau em sua obra “A política entre as nações”. Em Morgenthau, percebe-se o conceito de

bipolaridade como tributário de duas linhas de raciocínio distintas: (a) do conceito de balança de poder e (b) da ideia de estabilidade.

Para o autor, um polo constitui-se como força dentro do espectro internacional quando “materialmente” sua relação com os demais Estados se torna tão desigual em função da “disparidade de poder” que o “equilíbrio não pode ser alterado de modo decisivo” por eventuais mudanças de alinhamento de um ou outro Estado. Assim, pólo define-se pela comparação material entre si e outros Estados e, também, pela estabilidade que oferece ao sistema engendrando “alinhamentos” na política internacional.

Não se pode deixar de perceber, como base conceitual subjacente, o conceito de polaridade magnética da Física cuja expressão mais evidente vem da empiria gráfica simbolizada pela figura 1:

O estudo físico do fenômeno do magnetismo mostra que um campo magnético se forma entre dois polos com propriedades distintas e opostas, um como dispersor (polo norte – N) e outro como receptor (polo sul – S). Elementos cuja propriedade física se coadune com o magnetismo (ferromagnéticos, paramagnéticos ou diamagnéticos) ordenar-se-ão segundo as linhas de força presentes no campo, sempre da mesma forma, seguindo as linhas dispersoras do polo Norte até o ponto receptor no polo Sul. Outra característica dessa relação é sua estabilidade. Não há possibilidade de se separar os polos norte e sul, assim como não se pode suprimir a arrumação espacial que esses polos fazem segundo suas linhas de força. O conceito de bipolaridade na física, portanto, é relacional e dependente da interação entre os polos norte e sul que inexistem separados.

O conceito de Morgenthau, entretanto, oscila entre uma ideia sistêmica, baseada na correlação de forças entre as potências, calcado no seu conceito de “equilíbrio de poder”<sup>ii</sup> (ou balança de poder), e outra estrutural<sup>iii</sup>, baseada na “posição das grandes potências”:

*“Era tão grande a disparidade de poder entre, por um lado, os países de primeira categoria – tais como Estados Unidos, União Soviética, Grã-*

*Bretanha, Japão e Alemanha – e todos os demais países combinados, pelo outro lado, que a defecção de um aliado ou o acréscimo de um outro país não mais poderia desequilibrar a balança de poder e, com isso, afetar materialmente o resultado final da luta. É bem possível que, sob a influência de mudanças de alinhamento um dos pratos da balança pudesse elevar-se um pouco, enquanto o outro baixaria ainda mais, sob um peso maior.”* (MORGENTHAU, 2003, p. 625) grifo nosso

*“De agora em diante, só passava a ter relevância a posição das grandes potências (...) Essa situação, que foi pela primeira vez constatada durante a Primeira Guerra Mundial, viu-se acentuada pela polaridade entre Estados Unidos e a União Soviética, e constitui hoje a mais importante característica da política internacional. A potência dos Estados Unidos e da União soviética em comparação o poder de seus aliados efetivos ou potenciais, tornou-se de tal modo avassaladora, que, graças ao seu peso predominante, as duas superpotências determinam o equilíbrio de poder entre as duas (sic). No momento esse equilíbrio não pode ser alterado de modo decisivo, pelo menos a curto prazo, por eventuais mudanças de alinhamento de um ou outro de seus aliados. O equilíbrio de poder transformou-se de multipolar em bipolar”* (MORGENTHAU, 2003, p. 625-626)

Em um momento, de acordo com a definição de Morgenthau, o equilíbrio se dá por meio dos “pratos” em uma balança, noutro se dá por meio da “posição” dos países dentro do sistema. Os dois conceitos apresentados por Morgenthau são relacionais (bipolaridade como relação), mas, no primeiro, a relação comparativa se dá livre do vetor espacial, estando vinculada apenas a outras nações; já no segundo conceito, ela se dá de forma planejada posicional<sup>iv</sup>, atrelada ao espaço-plano internacional, podendo ser explicitada de forma gráfica:

*“This can be represented spatially, where the distance between any two states is a measure of the conflict of interest between them. A bipolar system embedded in an anarchic world is likely to distribute its constituent great powers 180*

*degrees from each other*" (GOWA, 1989, p. 1249)

No primeiro caso é um referencial meramente comparativo enquanto que, no segundo, se torna um referencial competitivo, pois orienta "posições" opostas numa teórica representação bidimensional do espectro internacional. No caso do poder como advindo de um referencial de comparação, a rivalidade entre os Estados estabelece-se se, e somente se, esses Estados assim manifestarem (*animus*), podendo, portanto, existir a possibilidade de coexistência de vários poderes de mesma grandeza:

*"Não se diga que a mecânica do novo equilíbrio de poder produziu necessariamente esse estado político do mundo [bipolaridade]. A estrutura modificada do sistema de equilíbrio de poder permitiu que a oposição hostil de dois gigantescos blocos de poder se tornasse possível, mas não inevitável"* (MORGENTHAU, 2003, p. 655) grifo nosso.

Em Morgenthau, segundo sua primeira interpretação, a rivalidade surgida da bipolaridade é fruto da vontade dos países-polo e não de um constrangimento estrutural, conforme destaca Waltz. O conceito de Waltz diz que há uma relação estrutural da bipolaridade em que os Estados se colocam conforme suas capacidades: *"States vary widely in size, wealth, power and form. And yet variations in these and in other respects are variations among like units"* (WALTZ, 1979, p. 96).

É necessária essa afirmação, pois, no caso de o poder como referencial estrutural, a rivalidade entre os polos é inerente à configuração bidimensional. Na bipolaridade estrutural (Waltz), não há a necessidade de as nações manifestarem hostilidade, ela existe, necessariamente, por condição de configuração internacional. Nesse ponto, os Estados estão dispensados de apresentarem o "*animus*" de rivalidade, pois, indiferente a sua postura, a condição estrutural do sistema coloca-lhes como rivais.

Já para definir estrutura, Waltz diz:

*"Structures are causes, but they are not causes in the sense meant by saying that A causes X and B*

*causes Y. X and Y are different outcomes produced by different actions or agents. A and B are stronger, faster, earlier, or weightier than X and Y. By observing the values of variables, by calculating their covariance, and by tracing sequences, such causes are fixed. Because A and B are different, they produce different effects. In contrast, structures limit and mold agents and agencies and point them in ways that tend toward a common quality of outcomes even though the efforts and aims of agents and agencies vary. Structures do not work their effects directly. Structures do not act as agents and agencies do."* (WALTZ, 1979, p. 74)

Dessa forma, os Estados, segundo o autor, são funcionalmente iguais, mas possuem capacidades distintas, o que torna-os diferentes. Contudo, o próprio Waltz assinala uma incongruência no seu pensamento quando diz: *"The first problem is this: Capability tells us something about units. Defining structure partly in terms of the distribution of capabilities seems to violate my instruction to keep unit attributes out of structural definitions"* (Idem, p. 97) para então resolver a contradição em termos afirmando o caráter posicional de seu conceito estrutural *"States are differently placed by their power"* (Ibidem, p. 97, grifo nosso).

Waltz afirma que o termo "capacidades" é um atributo de cada Estado, podendo ser medido materialmente. É, portanto, objetivo, enquanto que o termo poder (que vem a ser uma função da "distribuição de capacidades") passa a ser um ente relacional que só se pode entender dentro da análise sistêmica.

*"In defining international-political structures we take states with whatever traditions, habits, objectives, desires, and forms of government they may have. We do not ask whether states are revolutionary or legitimate, authoritarian or democratic, ideological or pragmatic. We abstract from every attribute of states except their capabilities. Nor in thinking about structure do we ask about the relations of states-their feelings of friendship and hostility, their diplomatic exchanges, the alliances they form, and the extent of the contacts and exchanges among them."*

(WALTZ, 1979, p. 99) grifo nosso

Segundo o autor, no sistema internacional existe o nível das unidades (Estados), o nível sistêmico (alianças, hostilidades etc.) e o nível estrutural, numa alusão muito semelhante à alegoria das 3 imagens<sup>v</sup>, que ele mesmo sugere em seu primeiro livro “*Man, the State and War*”. Waltz define estrutura através de três componentes:

*“Structures are defined, first, according to the principle by which a system is ordered. (...) Structures are defined, second, by the specification of functions of differentiated units. (...) Structures are defined, third, by the distribution of capabilities across units.”* (WALTZ, 1979, p. 100-101)

Ao assumir seu conceito de bipolaridade como algo existente em nível estrutural, Waltz procura fortalecer sua teoria de forma diferente da de Morgenthau. Em Waltz, a bipolaridade não é causada pelo equilíbrio de poder (ou pelo comportamento dos Estados), mas é, sim, uma característica estrutural da distribuição de capacidades dos Estados num sistema Estrutural-Anárquico (sem a existência de um poder soberano).

Waltz usa o termo “distribuição de capacidades” para definir a polarização:

*“(...) the difficulty of counting poles is rooted in the failure to observe the distinction. A systems theory requires one to define structures partly by the distribution of capabilities across units. (...) The economic, military, and other capabilities of nations cannot be sectored and separately weighed. States are not placed in the top rank because they excel in one way or another. Their rank depends on how they score on all of the following items: size of population and territory, resource endowment, economic capability, military strength, political stability and competence.”* (WALTZ, 1979 p. 131).

O sentido que Waltz dá para bipolaridade coloca-a na situação de relação em caráter global. Falar em bipolaridade “(...) does not mean

*that either power can exert a positive control everywhere in the world, but each has global interests which it can care for unaided, though help may often be desirable”* (WALTZ, 1964, p. 888). Bipolaridade significa um sistema onde as Super-Potências<sup>vi</sup> sofrem “(...) *the nearly constant presence of pressure and the recurrence of crises*” (WALTZ, 1964, p. 883).

É importante separar a noção de polarização do mundo em dois Estados (ou blocos) que competem entre si no nível sistêmico (conceito de Morgenthau) da distribuição de capacidades entre Estados de forma estrutural, sendo que dois deles sejam muito mais fortes do que quaisquer outros – bipolaridade na condição de Waltz (WALTZ, 1964, p. 892), como chama à atenção Harrison Wagner (WAGNER, 1993, p. 81-82). Esse esforço é importante para se compreender a diferença conceitual que Waltz propõe e para que se possa vislumbrar a diferença que Wagner afirma existir, “(...) *the polarization of the world into two hostile camps commonly is assumed to have ended long before bipolarity did (...)*” (WAGNER, 1993, p. 85).

Assim, fica clara a pertinência da relação mecanicista no conceito de bipolaridade, bem como a diferença entre o conceito de Waltz e Morgenthau. Sendo que o conceito de Waltz é consideravelmente mais tributário do mecanicismo do que o de Morgenthau. O problema é que ao definir bipolaridade por seu arranjo numa hipotética representação bidimensional do espaço internacional, Waltz (e também em certa medida Morgenthau) incorre em quatro problemas que debilitam o seu argumento: (1) falta de precisão do conceito de poder, (2) impossibilidade de medição empírica de poder (ou capacidades) dos Estados, (3) falta de comprovação empírica para a explicação da organização espacial bipolar numa oposição diametral entre os polos (EUA e URSS), (4) incapacidade de explicação singular histórica para o surgimento da bipolaridade e também para seu término.

### 3. AANÁLISE

O Realismo enquanto teoria é devedor claro da ideia de poder (DOUGHERTY e PFALTZGRAFF,

2003, p. 94). Isso fica evidente quando se verifica que os Estados buscam “poder”, seja para manterem o equilíbrio dentro do conceito de “balança de poder” de Morgenthau, ou dentro da ideia de sobrevivência em um sistema anárquico, segundo a formulação mais estrita de Waltz. Ocorre que, apesar de usar o termo poder de forma tão clara para alicerçar suas conclusões, nenhum dos dois autores preocupa-se em definir precisamente o que seja poder<sup>vii</sup>. Tanto Waltz quanto Morgenthau deixam subentendido o conceito para então partir para a sua instrumentalização como dado objetivo, verificável empiricamente:

*“O cálculo racional da força relativa de várias nações, que constitui a própria essência vital do equilíbrio de poder, transforma-se em uma série de intuições cuja correção só é possível comprovar mais tarde, em retrospecto”.* (MORGENTHAU, 2006 p. 386)

*“Power is estimated by comparing the capabilities of a number of units. Although capabilities are attributes of units, the distribution of capabilities across units is not. The distribution of capabilities is not a unit attribute, but rather a system-wide concept”* (WALTZ, 1979, p. 97-98)

Segundo Waltz, por exemplo, para determinarem-se os polos da estrutura basta “apenas” ranquear os Estados pelas suas capacidades: *“We need only rank them roughly by capability”* (Idem, p. 131).<sup>viii</sup>

Ambos os conceitos parecem convergir para uma percepção materialista empírica de um poder que tem a capacidade de ser medido por algum índice econômico, demográfico ou militar. Isso se choca claramente com a concepção teórica de ambos os autores que usam o termo poder como relacional. Essa inconsistência conceitual gera uma incapacidade objetiva de operacionalização da análise realista. Tentando resolver essa aresta, Morgenthau centra sua análise na existência de armas nucleares e sua importância enquanto sinalizadoras claras do diferencial de poder entre os polos (superpotências) e outros Estados<sup>ix</sup>, mas encontra em Waltz um franco opositor a essa postura:

*“The world was bipolar in the late 1940s, when the United States had few atomic bombs and the Soviet Union had none. Nuclear weapons did not cause the condition of bipolarity; other states by acquiring them cannot change the condition. Nuclear weapons do not equalize the power of nations because they do not change the economic bases of a nation's power. Nuclear capabilities reinforce a condition that would exist in their absence: Even without nuclear technology the United States and the Soviet Union would have developed weapons of immense destructive power.”* (WALTZ, 1979, p. 180-181)

O que leva à dúvida quanto ao início do sistema bipolar que, para Morgenthau, seria no final dos anos 50, enquanto que Waltz advoga que a bipolaridade já é visível cerca de dez anos antes:

*“The Soviet Union has concentrated heavily on medium-range bombers and missiles and, to our surprise, has built relatively few intercontinental weapons. The country of possibly aggressive intent has assumed a posture of passive deterrence vis-a-vis her major adversary, whom she quite sensibly does not want to fight. Against European and other lesser states, the Soviet Union has a considerable offensive capability. Hence nuclear capabilities merely reinforce a condition that would exist in their absence: without nuclear technology both the United States and the Soviet Union have the ability to develop weapons of considerable destructive power.”* (WALTZ, 1964, p. 885)

*“If number of states is less important than the existence of nuclear power, then one must ask whether the world balance would continue to be stable were three or more states able to raise themselves to comparable levels of nuclear potency. (...) Because bipolarity preceded a two-power nuclear competition, because in the absence of nuclear weapons destructive power would still be great, because the existence of a number of nuclear states would increase the range of difficult political choices, and finally, as will be discussed below, because nuclear weapons must first be seen as a product of great national capabilities rather than as their cause,*

*one is led to the conclusion that nuclear weapons cannot by themselves be used to explain the stability-or the instability-of international systems.”(WALTZ, 1964, p. 887)*

De toda sorte, também se deve levar em conta o fato de que toda a teoria realista se baseia em apenas um estudo de caso, pois, o próprio Waltz sinaliza a Guerra Fria como sendo o único sistema bipolar que o mundo conheceu. Ruggie vai ainda mais longe e pergunta:

*“How many cases of nuclear bipolarity have there been, on the basis of which one could say with some assurance that it caused this or that pattern in international regimes? Indeed, how many cases of bipolarity, period? How many cases of hegemony are there “like” Britain in the nineteenth century or “like” the United States in the postwar era?.”(RUGGIE, 1998, p. 86) (grifo nosso)*

Mesma afirmação surge quando Lebow diz: *“However, neorealism drew on a single case of bipolarity to construct its theory. If that case does not fit the theory, it raises serious doubts about the validity of the theory.” (LEBOW, 1994, p. 252) (grifo nosso).* Ou seja, em termos de comprovação empírica a noção de bipolaridade carece de maior sustentação nos termos apresentados pela teoria.

Essa carência se vê aumentada pelo andar da História quando, mesmo afirmada a estabilidade do sistema bipolar (WALTZ, 1964), ela desvaneceu-se entre 1989-1991 sem que houvesse ao menos um confronto entre os dois polos. Segundo Gaddis, poder-se-ia coincidir o momento do fim da bipolaridade com o discurso de Gorbachev na ONU, cortando unilateralmente as forças militares soviéticas da Europa (GADDIS, 1987, p. 236). E mesmo que não se defina tal momento como o ponto exato do fim da bipolaridade, é consenso na literatura que a mudança de postura soviética (distencionamento), principalmente após a chegada ao poder de Gorbachev, é definidora para o término da Guerra Fria:

*“It was precisely when these forces were both encouraging international confrontation and*

*redefining economic and social policy that the Cold War ended, or perhaps, more accurately was ignored or transcended by Gorbachev.” (YOUNG e KENT, 2004, p. 14)*

A questão que surge nesse momento é como um sistema cuja explicação sobre seu surgimento e manutenção recai em seu caráter estrutural (segundo o entendimento bipolar do realismo) – e, portanto, externo ao desejo simples dos Estados – pôde terminar pela expressão de vontade unilateral de um dos agentes (no caso a URSS)?<sup>x</sup>

O realismo não aponta explicação para isso e, ainda, nega o papel da vontade dos agentes para consolidação do sistema. Sequer o componente ideológico, tão caro para o entendimento da Guerra Fria, está presente no entendimento do conceito de bipolaridade realista:

*“As regards the Cold War, realists see it as a power political competition between two competing power systems led by the US and USSR with their development of new and more powerful weapons. Hence, the ideological and domestic considerations are not seen as important determinants of the Cold War” (YOUNG e KENT, 2004, p. 3)*

*“But suppose we were considering the causes of the Cold War and asked, what if the United States had been a socialist country in 1945, would there have been a Cold War? Or suppose the Soviet Union had come out of World War II with a capitalist government; would there have been a Cold War? These counterfactual questions explore the theory that the Cold War was caused primarily by ideology. An alternative hypothesis is that the bipolar international structure caused a Cold War. Given the distribution of power after World War II, we could expect some sort of tension even if the United States had been socialist.” (NYE, 2007, p. 53)*

Nesse sentido, ao negar o componente ideológico, o conceito de bipolaridade, claramente, não comunga das capacidades explicativas requeridas pelo conceito de Guerra Fria. Sem o componente ideológico, ambos os conceitos se afastam ao invés de se aproximarem e a bipolaridade tem, consideravelmente, menos

capacidade explicativa.

*"But the common view that the Cold War was 'firmly rooted in the [bipolar] structure of international politics" (Waltz), that America and Russia were "enemies by position" (Aron), and that such conflicts are to be understood in terms of the "geometry" of conflict (Butterfield), is to my mind fundamentally mistaken"* (TRACHTENBERG, 2012, p. 25-26)

#### 4. ANIMUS, VONTADE E IDEOLOGIA

A grande diferenciação entre os conceitos de Guerra Fria e Bipolaridade reside, num primeiro plano, na questão da ideologia. É consenso que não se pode explicar a Guerra Fria sem o entendimento das concepções político-sociais que emanavam das ditas superpotências durante o período.

*"American assessments were afflicted by two decidedly different preconceptions. The first of these was 'mirror imaging', which came to the fore after the Cuban Missile Crisis when the Americans wanted to ease tensions and 'manage' the Cold War. In the absence of convincing intelligence about how Soviet leaders viewed their rivalry with the United States, many Americans were inclined to assume that Soviet leaders were, at the heart, not so different from themselves and they would react to events much as they would"* (BARRASS, 2009, p. 386)

*"Generally speaking, the actions of the Americans and the Russians were largely shaped by preconceptions, or by what Walter Lippman, distinguished American columnist of early Cold War years, liked to call 'the pictures in our heads'"* (BARRASS, 2009, p. 404)

A profundidade, importância, abrangência e eficácia de tais discursos são, entretanto, de entendimentos diversos. Verificar o papel da ideologia dentro do processo da Guerra Fria é bastante complicado em virtude da correção do método científico. É necessário que, primeiro, se delimite o conceito de ideologia e, nesse ponto, as argumentações não são consensuais.

*"The ideas explanation conceives of the Cold War as primarily an ideological struggle. The Soviet Union and the United States represented incompatible social systems, and the clash between them was the continuation of a struggle between Leninist-style socialism and Western capitalism that began with the Bolshevik revolution in 1918"* (LEBOW in COX, et al. 2009 p. 22)

Nesse caso específico, pouca diferença faz utilizar-se o conceito individual de ideologia (como sinônimo de ideário ou grupo de ideias e crenças de um indivíduo) ou a interpretação totalizante da noção de ideologia, segundo a qual a ideologia é um discurso normativo constituído e presente em grupos, sociedades, tempos históricos ou locais geográficos delimitados (MANNHEIM, 1954, p. 49-51). O fato é que ideologia mais do que organiza realidades, criadas de forma consistente, pois induz prática humana (*animus*) sendo que somente assim se pode efetivamente ver seus efeitos dentro do amálgama sócio-político.

Por que é necessária a percepção das forças que engendram a organização bipolar quando do uso analógico do conceito de bipolaridade para a explicação da política internacional?

Ao seguir a analogia proposta por Morgenthau e Waltz, assumindo o sistema bipolar como sendo explicativo de uma conformação específica ocorrida no plano internacional durante a Guerra Fria sem explicar as forças que efetivamente fizeram esse alinhamento, incorre-se em uma incompleição explicativa. Esse problema é comumente resolvido aplicando-se o senso comum, ou seja, tornando a ideia de ideologia subjacente muda do arranjo bipolar.

Essa, porém, não é a única forma de tentar resolver o problema teórico dos arranjos internacionais. Foram tentadas outras formas de explicação como, por exemplo, a de Nye, que afirma que o sistema mantinha-se em equilíbrio pelo medo:

*"Ao contrário do sistema de equilíbrio de poder do século XIX, em que as cinco grandes potências trocavam alianças, o equilíbrio na Guerra Fria organizou-se muito claramente ao redor dos dois*



*estados muito grandes, cada um deles capaz de destruir o outro em um instante. (...) O equilíbrio do terror coincidiu com o período da bipolaridade” (NYE, 2009, p. 178)*

Outra, ainda, é a tese de que as armas nucleares geraram a estabilidade do sistema bipolar (HUNTER, 1998, p. 98). Entretanto, *“Even though there is no direct evidence for or against the contention that peace has been preserved with threats of nuclear retaliation, our acceptance or rejection of this notion need not be a mere matter of opinion”* (KUGLER, 1984, p. 472-473). Além de inconsistente, novamente, a explicação para criação e/ou manutenção do sistema bipolar é posta fora da vontade humana, nesse caso, no conceito de dissuasão nuclear (GUILHOT, 2011, p. 40).

Nomear o sistema pós-Segunda Guerra como bipolar a partir de uma descrição muito particular de seu funcionamento deixa aberta uma lacuna – que consiste em evidenciar as forças responsáveis pelo arranjo espacial internacional em dois polos – que vem sendo preenchida discricionariamente com formas inconsistentes e não verificáveis cientificamente, mais precisamente com o “senso comum”.

A elipse – proposital – do componente ideológico como força-motriz do arranjo internacional no período da Guerra Fria feita pelos teóricos do realismo responde às necessidades de explicação da Guerra Fria como um conflito entre o Bem e o Mal personificados respectivamente pelos EUA e URSS (GUILHOT, 2011, p. 35). Assumir a ideologia, significa dar papel ativo aos agentes que passam a serem entendidos como capazes de modificação do sistema e não apenas “reativos” frente às necessidades do “sistema” (forma realista de explicação da Guerra Fria) (YOUNG e KENT, 2004, p. 24).

Embora o papel ideológico seja afastado pela teoria realista, ele é bastante evidente nos trabalhos históricos.

*“American power and Soviet power, it seemed, balanced each other so completely that both sides were locked into the status quo; but if that were the case, where was the problem? Why wasn't the*

*status quo of a divided Europe perfectly stable from the very start? The whole way of looking at things was obviously grounded in a certain sense for how international politics works - for how power realities shape policy.”* (TRACHTENBERG, 2012, p. viii)

*“Hence the importance of each side's crusading ideology and its ideological relationship to foreign policy and the real world may be linked more to Cold War misrepresentations than misperceptions. Moreover these misrepresentations may have formed a vital part of a coordinated propaganda campaign to persuade the masses that the Cold War was more to do with power and military capabilities than it was to do with ideology.”* (YOUNG e KENT, 2004, p. 31)

Trachtenberg pergunta-se, provocativamente, *“an invisible hand in international politics?”* seguindo com a crítica *“(...) the Cold War case in itself shows that fundamental problems can, to a certain extent, be structural in nature (...) but if this is a structural interpretation, it is rather different from the sort of structural explanation one finds in the literature [realista]. For one thing, it does not view the conflict as automatic – that is, as spontaneously generated by simple bipolar structure of power.”* (TRACHTENBERG, 2012, p. 34). O autor ainda acrescenta que *“(...) if the system is not a basic source of instability, then it follows that the real problems are generated by forces welling up at the unit level”* (Idem p. 35).

O questionamento da capacidade explicativa da teoria realista, alicerçada em sua base estrutural, reforça a ideia de incompleição da abordagem defendida por Waltz, especialmente pela elipse da vontade dos atores que é matéria condicionante dos arranjos políticos internacionais. John Young e John Kent vão no mesmo caminho para mostrar de forma ainda mais profunda a falta que faz à teoria realista o conceito de ideologia:

*“The onset of the Cold War conflict has been given a number of different historical roots and chronological starting points. The developments of two large land-based empires, particularly in the nineteenth century, could have paved the way for*

*what has been seen as an inevitable clash. The economic and human resources they possessed were likely to produce growing international power and influence and a greater sense of rivalry. This certainly fits with a realist explanation of international relations but ignores the ideological conflict between communism and capitalism which is thus subordinated to geopolitical rivalries and a competition for resources. Yet the two land-based empires with rival ideologies had coexisted since 1917 and the relations which developed after 1945 were clearly different from those existing before the First and Second World Wars.” (YOUNG e KENT, 2004, p. 2)*

Conforme os autores apontam, a questão ideológica não é só central como há mudança nesse processo (“*new sense of ideological rivalry*”) entre o período que vai de 1917 até 1945. Tal mudança é entendida como uma criação/recriação da realidade – tendo aqui o agente (ou agentes) um papel positivo no processo de significação da realidade e alargamento das premissas ideológicas de todos os espaços e entendimentos no período, o que se aproxima muito do “entendimento do senso comum”: “*The Cold War was in fact a battle for the domestic and international survival of states, social elites, and ways of life. In such circumstances students should be aware of how much elites on both sides have been prepared to invest in distorting the truth*” (Idem p. 4).

Criar condicionamentos ideológicos que legitimem posturas políticas e sociais cujos interesses estão calcados nos “interesses nacionais” ou no interesse das “elites” e espraia-los de forma a que se tornem “senso comum”, sendo partilhados por um grande número de pessoas ao redor do mundo parece ter sido a verdadeira luta na Guerra Fria (YOUNG e KENT, 2004, p. 22). Nesse sentido, a grande serventia do Realismo é colocar todo esse esforço positivo de ação político-ideológica embaixo de um “tapete teórico” que o nega peremptoriamente de tal sorte que as atitudes de molde dessa ideologia<sup>xi</sup> são explicadas como se fossem reativas à estrutura (GUILHOT, 2011, p. 35-37).

*“In order to do this, governments were prepared to*

*exaggerate or invent an actual and immediate military threat when what they really feared was an ideological challenge or a potential, long term military danger.” (YOUNG e KENT, 2004, p. 7)*

Nesse sentido a teoria realista falha ao deixar de perceber os movimentos ideológicos e, também, ao deixar de perceber-se ideológica. Os autores afirmam, ainda, que “*When blame is given to one side it is often done as a part of fighting rather than explaining the Cold War*” (YOUNG e KENT, 2004, p. 11). A postura de colocar as “causas” do arranjo bipolar internacional na “estrutura internacional” é, também, uma forma de luta ideológica no mesmo sentido dado pelos autores.

Os historiadores que não se atêm somente ao esqueleto explicativo realista afirmam o papel central que a ideologia desempenha nos países rivais: “*We can be more certain that while Americans, then and in subsequent historical accounts, have seen Soviet imperialism as part of an ideological crusade for global domination, their Soviet counterparts have seen our power and ideology in precisely the same light.*” (YOUNG e KENT, 2004, p. 29). Sendo que, nos EUA, o interesse do governo em dar vazão à luta ideológica foi disfarçado no conceito de “*national security*” fazendo com que “*even the moderate US opinion tended to regard Marxist based political opposition to capitalism as undermining of the security of the state.*” (YOUNG e KENT, 2004, p. 77).

Assim, o conceito de ideologia some dos discursos teóricos a respeito do período (conquanto o realismo dominou quase totalmente os estudos de política internacional no Ocidente)<sup>xii</sup> e é substituído pelo “interesse nacional”. As forças que poderiam explicar efetivamente a organização da política internacional deixam de ser alvo de debate e pesquisa uma vez que o realismo afirma que a bipolaridade é estrutural, e, sobre isso, não se consegue uma hipótese verificável. Ao mesmo tempo é cristalizada na sociedade a noção de que Guerra Fria e Bipolaridade são conceitos semelhantes, correlatos e algumas vezes intercambiáveis, o que esconde essencialmente a grande diferença entre eles e, principalmente, retira da política

internacional o *animus operandi*, para, ao invés, estabelecer que no período de 1945-1989 operou no mundo um conflito sem fronteiras cuja luta poderia ser resumida no embate entre os defensores da liberdade, capitalismo e democracia, contra os ditadores comunistas tirânicos. É hora de verificar-se que essa percepção está calcada numa teoria cuja capacidade explicativa nunca foi suficientemente consistente e, inclusive, continua a mostrar-se nos dias de hoje como uma percepção mais normativa do que explicativa da política internacional.

## BIBLIOGRAFIA

- ACHARYA, A.; BUZAN, B. Non-Western International Relations Theory. New York: Routledge, 2009.
- BARRASS, G. The Great Cold War: A journey through the hall of mirrors. Stanford: Stanford University Press, 2009.
- CARR, E. H. The Twenty Year's Crisis 1919-1939. 2a. ed. Londres: Macmillan, 1962.
- DOUGHERTY, J.; PFALTZGRAFF, R. Relações Internacionais: as teorias em confronto. Lisboa: Gradiva, 2003.
- GADDIS, J. The Long Peace: Elements of Stability in the Postwar International System. New York: Oxford University Press, 1987.
- GOWA, J. Bipolarity, Multipolarity and free trade. The American Political Science Review, v. 83, n. 4, p. 1245-1256, Dezembro 1989.
- GUILHOT, N. The Invention of International Relations Theory. New York: Columbia University Press, 2011.
- HUNTER, A. Rethinking the cold War. Philadelphia: Temple, 1998.
- KUGLER, J. Terror Without deterrence: reassessing the role of nuclear weapons. Journal of Conflict Resolution, Sage, v. 28, n. 3, p. 470-506, setembro 1984.
- LEBOW, N. The Long Peace, the End of the Cold War, and the Failure of Realism. International Organization, v. 48, n. 2, p. 249-277, Spring 1994.
- MANNHEIM, K. Ideology and Utopia: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954.
- MORGENTHAU, H. A política entre as nações. Brasília: UNB, 2003.
- NYE, J. Understanding International Conflicts: An introduction to Theory and History. 6a. ed. New York: Longman, 2007.
- NYE, J. Cooperação e conflito nas relações Internacionais. São Paulo: Gente, 2009.
- RUGGIE, J. G. Constructing the World Polity: Essay on International Institutionalization. Nova York: Routledge, 1998.
- STEPHANSON, A. Fourteen Notes on the very concept of the Cold War. H-Diplo Essay, New York, February 2007.
- TICKNER, A.; WEAVER, O. International Relations Scholarship around the world. New York: Routledge, 2009.
- TRACHTENBERG, M. The cold war and after: History, Theory, and the logic of International Politics. Princeton: Princeton University Press, 2012.
- WAGNER, H. What was bipolarity? International Organization, MIT press, v. 47, n. 1, p. 77-106, Winter 1993.
- WALTZ, K. The stability of a bipolar World. American Academy of Art & Sciences, MIT Press, v. 93, n. 3, p. 881-909, Summer 1964.
- WALTZ, K. Theory of International Politics. Berkeley: Addison-Wesley, 1979.
- YOUNG, J. W.; KENT, J. International Relations since 1945: a Global History. New York: Oxford, 2004.
- YOUNG, J.; KENT, J. International Relations since 1945: A global history. New York: Oxford University Press, 2004.

---

<sup>i</sup>Mestre em História das Relações Internacionais/ UNB. Email: fernandohorta@unb.br

<sup>ii</sup>“(…) o equilíbrio de poder consiste em um mecanismo criado para a autodefesa de nações cuja independência e existência estejam ameaçadas por um desproporcional aumento de poder de outra nação” . Para outra definição ver Nye .

<sup>iii</sup>Para uma diferença entre os termos sistema e estrutura ver WALTZ, 1979 capítulo 4.

<sup>iv</sup>Em realidade, Morgenthau oscila entre essas duas visões em toda a sua obra. (MORGENTHAU, 2006 p. 543-544, 560-561, 589,

604, 623)

<sup>v</sup>Segundo Waltz no livro “Man, The State and War”, a primeira imagem seria o nível do comportamento humano, a primeira forma explicativa dos fenômenos sociais (International Conflict and Human Behavior), a segunda imagem seria o nível interno dos Estados, sua política interna (Internal Structure of States) e a terceira imagem seria o nível internacional anárquico (International Anarchy)

<sup>vi</sup>Waltz não define claramente o conceito de grandes potências. Essa inconsistência é apontada por Wagner . O conceito de Snyder e Diesing, nesse sentido, é mais conciso: “(...) is defined by the number of major actors in the system and the distribution of military power and potential among them. (...) A bipolar system is one with only two Great Powers and a number of smaller states.” grifo nosso

<sup>vii</sup>“Realist definitions of power are imprecise, making it difficult to develop measures of polarity.” e “Ao destacarem o poder como motivação principal para a conduta política, a teoria realista não chegou a produzir uma definição aceitável de poder”

<sup>viii</sup>Para um estudo comparando das condições de polarização ver

<sup>ix</sup>“A União soviética, embora tenha sido sempre virtualmente uma grande potência, só passou, na realidade, a merecer tal título quando ingressou na lista das mais importantes potências industriais, na década de 1930. Ela só se tornou rival dos Estados Unidos, na qualidade 'a outra superpotência', quando conseguiu alcançar, nos anos 1950, a capacitação industrial para combater em uma guerra nuclear” (MORGENTHAU, 2003, p. 235).

<sup>x</sup>“There are two central weakness in bipolarity as model of the international system during the Cold War. First it does not conform to the realities of power in the system. Certainly bipolarity captures one central truth: namely, the division of much of the world into two competing blocs led by the two most powerful states. But bipolarity misses the even more important fact that one nation and bloc – the United States and the West – were always much stronger in political, military, and economic terms.

Second, the prediction of the bipolar model are

contradicted by the most important aspect of U.S. behavior. Gaddis suggests that bipolarity is a simple system to manage: given stable alliances, and the fact that defections could not meaningfully alter the power balance between the two blocs, each side could easily tolerate the loss of some of its members. But this expectation is dramatically disconfirmed by U.S. efforts to organize and solidify the Western bloc and most blatantly by the intense U.S. concern over its credibility, a hallmark of U.S. Cold War policy. If a bipolar world was so stable, how are we to explain the enormous effort to preserve and enhance U.S. credibility in Europe, Korea, Vietnam, and elsewhere?” (LAIRSON in HUNTER, 1998 p. 66)

<sup>xi</sup>Basta verificar, por exemplo, o conteúdo do NSC 68, documento que pautou a partir de 1950 a política externa americana: “14. The gravest threat to the security of the United States within the foreseeable future stems from the hostile designs and formidable power of the USSR, and from the nature of the Soviet system. 15. The political, economic, and psychological warfare which the USSR is now waging has dangerous potentialities for weakening the relative world position of the United States and disrupting its traditional institutions by means short of war, unless sufficient resistance is encountered in the policies of this and other non-communist countries.” (National Security Council Memorandum 68 disponível em <http://www.fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm>).

<sup>xii</sup>Ver (TICKNER e WEAVER, 2009) capítulo 1 e (ACHARYA e BUZAN, 2009) capítulo 1